

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

## **A Insegurança Regional e o Conflito na Região de Darfur**

**Ricardo Luigi<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente trabalho versa sobre a questão da insegurança regional na África, mais especificamente na região de Darfur, no Sudão. Conflitos civis recentes têm trazido instabilidade à região, e nota-se que nenhum deles fica restrito ao país de origem. No caso do Sudão, receptor durante os anos 90 de mais de 300 mil refugiados, a partir de 2003 há a eclosão de um embate no Darfur, alterando o sistema regional. Uma boa parcela da população foge para áreas vizinhas, principalmente para o Chade, transfundindo a desordem para o país vicinal.

**Palavras-chave:** Guerras Civis Sudanesas, Conflitos na África, Sudão, Refugiados, Sistemas Regionais de Conflito.

### **ABSTRACT**

The present work is about the question of the regional conflicts in Africa, more specifically in the region of Darfur, Sudan. The recent civil war have brought instability to the region, and that none of them is restricted to the native country. In the case of Sudan, receiver during years 90 of more than 300 a thousand refugee, from 2003 has the start of a shock in the Darfur, modifying the regional system. A good parcel of the population runs away for neighboring areas, mainly for the Chade, carrying the clutter for the neighbor country.

**Key Words:** Sudanese Civil Wars, Conflicts in Africa, Sudan, Refugees, Regional Systems Conflict.

<sup>1</sup> Geógrafo e pesquisador UFRJ. Vice-Diretor do CENEGRI e co-editor da revista *Intellector*.  
ricardoluigi@cenegri.org.br  
Recebido em 05/11/2007. Aprovado para publicação em 20/01/2008.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

## **OBJETIVOS**

O intuito do trabalho é demonstrar de que forma o conflito no Sudão, mais especificamente na região do Darfur, está regionalizado. E da mesma forma em que o Sudão foi durante um tempo refúgio das populações que fugiam dos conflitos nos países vizinhos, os conflitos civis também emergiram nesse território, acarretando numa nova lógica no sistema regional.

Mas não é só a insegurança que é regionalizada, pois medidas de segurança também são tomadas em conjunto, naquilo que se convencionou chamar de “regionalismo aberto”. Portanto, como objetivos correlatos a esse, encontram-se as discussões sobre os conceitos de segurança e insegurança regional e regionalismo aberto e fechado; a breve elucidação do percurso histórico que levou aos conflitos no Sudão, motivações e imbricações desse embate.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho tem como eixo metodológico os conceitos de “regionalismo aberto” e “(in) segurança regional”.

O “regionalismo aberto”, também chamado de “novo regionalismo”, foi aquele criado nos anos 80, que, “associado a estratégias de desenvolvimento econômico, visava a uma melhor inserção na economia internacional, no contexto do processo de globalização econômica” (Herz, 2005). Utilizado em relação à liberalização econômica, aparece como resposta às ameaças percebidas no processo de globalização e rapidamente se translada para a solução de problemas que não encontram amparo global, principalmente da ONU, na figura das organizações regionais.

Durante a Guerra Fria, as organizações regionais tiveram um papel marginal na manutenção da ordem internacional. Mas, com a chegada da Nova Ordem Mundial, as organizações e grupos regionais passam a ter um importante papel. “Organizações regionais – e outras instâncias de cooperação no nível regional – passaram a ser vistas no contexto de uma discussão densa sobre governância (sic) global. O nível regional

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

complementaria os processos globais, nacionais e subnacionais na constituição da governância (sic) em múltiplos níveis” (Herz, 2005).

Logo, a segurança regional passa a ser assumida por grupos regionais. Isso é bastante visível no caso sudanês. Como o governo do Sudão não aceita a ingerência da ONU, as tropas mais próximas do conflito, chamadas de "Missão Africana no Sudão (African Mission in Sudan - AMIS)", de cerca de 7 mil homens, tentam organizar a situação, mas só têm permissão para negociações. Além do mais, esse contingente é muito parco para conter a violência e as milícias. Daí decorre que não apenas a segurança seja regionalizada, mas também a insegurança.

Cerca de 250 mil sudaneses cruzaram a fronteira do vizinho Chade, que na sua região leste tem uma configuração étnica semelhante à da população de Darfur. Isso causou uma desestabilização no país vizinho. Ao menos três áreas diferentes do sudeste do Chade, todas localizadas perto da cidade de Goz Beida, um centro para operações de ajuda humanitária, experimentaram massivos ataques de milícias em 2006: Kerfi, ao sudeste de Goz Beida; Koloy, ao norte; e Bandikao, ao sul de Goz Beida. Esses grupos insurgentes árabes chadianos estão recebendo apoio material e patrocínio de dentro do Sudão, o que tem causado uma deterioração nas relações entre os países vizinhos, haja vista que o governo sudanês só tem aumentado o apoio a grupos insurgentes chadianos.

### **CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA**

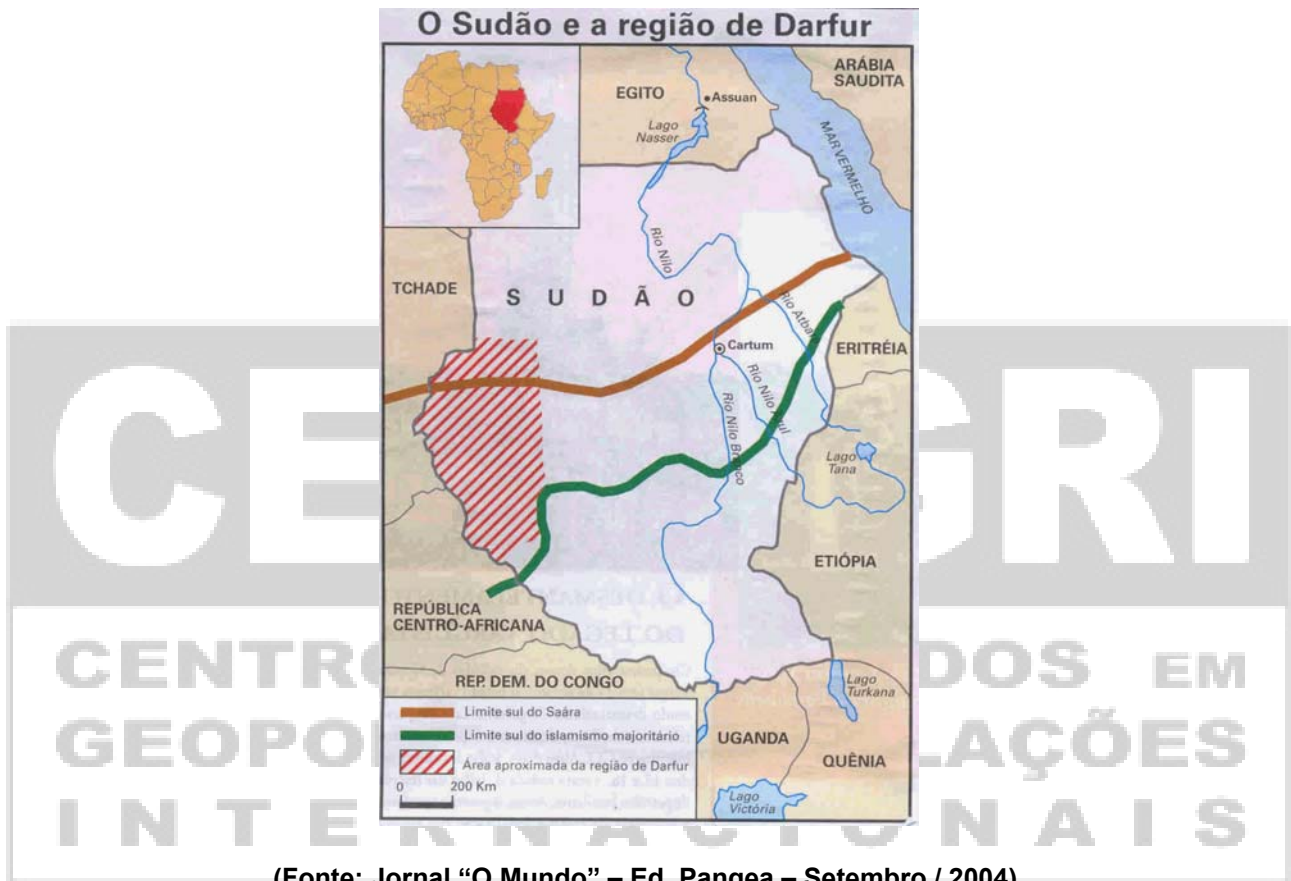
O Sudão, maior país da África, fica em uma área centro-africana conhecida como o “Sahel”, a borda do deserto. Sua capital Cartum fica exatamente na borda do deserto. Tem uma população de 28,9 milhões de pessoas, e aproximadamente 75% delas são árabes e de religião islâmica. O seu idioma também é o árabe, e os estados (wilayats) do norte, onde fica a maior parte da população árabe muçulmana, governam o país.

Depois de décadas de conflitos civis entre norte e sul, o embate hoje em dia no país se concentra na região do Darfur, uma província semi-árida na região oeste do Sudão. Sozinha, a região é maior do que o território francês. Conforme supradito, o país é dominado por uma população de origem árabe, enquanto em Darfur a maioria é de origem centro-africana, sobretudo nômades, de diversas etnias, e de religiões cristãs ou animistas.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

[www.revistaintellector.cenegri.org.br](http://www.revistaintellector.cenegri.org.br)

O mapa abaixo demonstra a localização do Sudão, da região do Darfur, e os limites do Sahele e da população árabe no país.



## A GÊNESE DO CONFLITO

O Sudão, antiga Núbia, atravessa conflitos há muito tempo. Os governos pós-independência todos dominados por uma elite de Cartum, a capital do país. A orientação árabe e islâmica desta elite provocou rebeliões no sul do Sudão entre a população não-árabe daquela região, a maioria cristãos e teístas. Os darfurianos também foram marginalizados pelos governos sudaneses, apesar de muitos fazerem parte do Exército.

Um ano antes de sua conturbada independência, ocorrida em 1956, iniciou-se a primeira guerra civil sudanesa (1955-1972). A segunda confrontação (1983-2005) causou

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

cerca de dois milhões de mortos e cerca de quatro milhões de refugiados. Paralelo a isso, em 2003, teve início o conflito na região do Darfur.

Em 1989, um golpe militar levou o presidente Omer al Bashir ao poder, mas ele foi ofuscado por Hassan al Turabi, que buscou formar um Estado islâmico. A militância de Turabi exacerbou a guerra no sul cristão, provocou a hostilidade dos vizinhos do Sudão e levou a um isolamento internacional. Bashir voltou ao poder em 1993, e governa desde então.

Existe tensão em Darfur há muitos anos por causa de disputas territoriais e de direitos de pastagem entre os árabes, majoritariamente nômades, e os fazendeiros de origem centro-africana, sobretudo nômades e de diversas etnias.

Os primeiros confrontos armados em Darfur ocorreram em 1987, quando a milícia árabe chadiana - armada pela Líbia como parte da tentativa de Gaddafi de controlar o Chade - foi empurrada para Darfur pelas forças chadianas e francesas.

Em 2003, dois grupos armados da região de Darfur rebelaram-se contra o governo central sudanês, pro-árabe. O Movimento de Justiça e Igualdade e o Exército de Liberação Sudanesa acusaram o governo de oprimir os não-árabes em favor dos árabes do país e de negligenciar a região de Darfur. Uniram-se e formaram a Frente de Redenção Nacional, liderado pelo ex-governador de Darfur Ahmed Diraige. Em reação, o governo lançou uma campanha de bombardeios aéreos contra localidades darfurenses em apoio a ataques por terra efetuados por uma milícia árabe, os janjawid. Os janjawid, além de assassinatos em massa, saques e estupros sistemáticos de indivíduos da população não-árabe, também praticam o incêndio de vilarejos inteiros, forçando os sobreviventes a fugir para campos de refugiados localizados em Darfur e no Chade; muitos dos campos darfurenses encontram-se cercados por forças janjawid.

Em maio de 2006, o Exército de Liberação Sudanesa, principal grupo rebelde, concordou com uma proposta de acordo de paz com o governo. O acordo, preparado em Abuja, Nigéria, foi assinado com a facção do Movimento liderada por Minni Minnawi. No entanto, o acordo foi rechaçado tanto pelo Movimento Justiça e Igualdade como por uma facção rival do próprio Exército de Liberação Sudanesa, dirigida por Abdul Wahid Mohamed el Nur. Os principais pontos do acordo eram o desarmamento das milícias

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

janjawid e a incorporação dos efetivos dos grupos rebeldes ao exército sudanês. Apesar do acordo, os combates continuaram.

## **MITOS SOBRE O CONFLITO**

O conflito em Darfur origina-se das desigualdades intra-regionais do país. O governo desde sempre beneficiou o norte do país com a maior fatia dos recursos públicos, e desde o armistício da segunda guerra civil sudanesa, aumentou a quantidade de recursos destinados ao sul. O oeste, onde se encontra a região de Darfur, passou a figurar sozinha entre aqueles que praticamente não recebem verbas do estado. Essa é a causa do conflito.

Entretanto, tudo o que diz respeito à África é envolto numa aura de preconceito. Os conflitos que por lá ocorrem são comumente chamados de “étnicos”, numa forma de diminuí-los. Pretende-se, portanto, abaixo, discutir algumas dessas afirmações míticas.

O primeiro mito diz respeito justamente à idéia de que o conflito encontra motivações apenas étnicas. “As Nações Unidas denunciam “limpeza étnica” em Darfur, mas, a pedido da União Africana, não usam o termo ‘genocídio’ ” (Prunier, 2007). Muitos argumentos já foram lançados para explicar o fato. Principalmente o mito de que seriam “confrontos tribais”, ligados à degradação das condições climáticas no Sahel, o que teria levado pastores nômades árabes a lutar contra camponeses negros pelo controle das terras. Entretanto, o desmonte para essa afirmação está no fato de as milícias serem armadas, abrigadas e equipadas pelo exército regular, que combate ao lado delas. Além disso, a principal etnia árabe de Darfur, os baggara, têm sua própria guerrilha, alegando combater a negligência das autoridades “árabes” de Cartum. Por fim, as milícias que atacam sistematicamente as tribos negras africanas estão longe de ser a versão armada dos pastores nômades árabes. Entre eles estão prisioneiros, de diversas origens étnicas; desertores do exército do governo baseados no sul e desempregados; membros de pequenas tribos do extremo norte de Darfur (que são as únicas verdadeiras vítimas das mudanças climáticas); e membros de pequenas etnias negras que esperam, ao se juntar à causa dos assassinos, serem cooptados à grande família “árabe”.

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

O segundo mito diz respeito à questão religiosa. Tanto os assassinos quanto as vítimas são muçulmanos e sunitas.

Existe um temor do governo de que o oeste se una aos negros do sul para lutar contra a elite árabe de Cartum. É preciso mudar o traçado fronteiro norte-sul, que deixa para a região meridional as maiores reservas de petróleo. Conseqüentemente, torna-se estratégico domar a revolta de Darfur. O exército comum, que tem entre suas fileiras várias etnias negras da região, não é o mais confiável para executar tal tarefa. Daí o recrutamento de milícias janjawid "árabes", compostas em grande parte por grupos minoritários e desclassificados sociais. Isso permite evitar que os "verdadeiros árabes" de Darfur, ou seja, as diversas tribos baggara, que representam entre 22% e 30% da população da região, partam para a insurreição.

O último mito diz respeito ao porquê da não ingerência da ONU, dos Estados Unidos, ou de outros países na região.

Em que pese o fato de os Estados Unidos terem em mente a fracassada missão na Somália em 1994, sua não intromissão parece estar ligada a um outro fator: o Sudão é aliado norte-americano na luta contra o terrorismo.

A China tem no Sudão seu segundo maior parceiro comercial no continente africano. Pequim compra 65% do petróleo sudanês. Além disso, a China é também o primeiro fornecedor de armas do regime de Beshir. Por conta disso, o presidente chinês pede que "se respeite a soberania sudanesa".

Por fim, muito atuante na questão (ou omissa) aparece a França. É sabido que as forças francesas dão apoio logístico ao exército chadiano, que luta contra os rebeldes sustentados por Cartum. Essas foram deslocadas para o norte da República Centro-Africana, em dezembro de 2006, em bombardeios e combates. Além disso, a empresa petrolífera francesa Total tem interesses no petróleo local.

## **ESTÁGIO ATUAL**

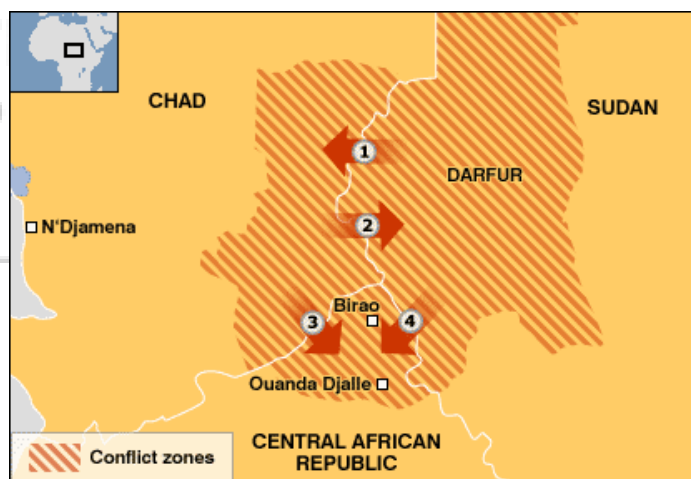
Após negociações na capital chadiana em abril de 2004, o governo e os rebeldes concordaram em um cessar-fogo, que seria monitorado por uma equipe de observadores da União Africana (UA). O cessar-fogo foi violado por ambos os lados, o que tornou

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

impossível a tarefa da Missão da União Africana no Sudão (Amis). A Casa Branca decidiu que a Amis deveria ser substituída por uma força de paz maior da ONU, com autoridade para uso de força. Nos últimos 18 meses, os esforços para impor esta força a um Sudão relutante consumiram grande parte das energias diplomáticas empregadas pelo Ocidente em Darfur. O presidente Omer al Bashir rejeitou qualquer papel militar da ONU no país, com medo de que isso enfraquecesse seu poder.

A UA realizou sete rodadas de negociações de paz, culminando em uma sessão contínua de seis meses na capital nigeriana, de novembro de 2005 a maio de 2006. Sob severa pressão, especialmente dos Estados Unidos, Cartum e Minawi concordaram. O líder do JEM, Khalil Ibrahim, rejeitou o pacote de imediato. Abdel Wahid, que conta com o maior apoio em Darfur, também rejeitou. Após a assinatura do acordo, Minawi foi desertado pela maioria de seus comandantes.

Além disso, o conflito se estende pelo sudeste do Chade, e chegou também à República Centro-Africana. As áreas de conflito podem ser vistas na figura abaixo:



(Fonte: [www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk))

## CONCLUSÃO

Em 27 de outubro de 2007, teve início uma conferência de paz na cidade líbia de Sirte, sob patrocínio da ONU e da União Africana. A idéia é fazer valer o acordo acertado



Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

em maio de 2006 na Nigéria, que garantia o cessar-fogo do conflito, mas não foi respeitado por ambas as partes.

Com mais de 200 mil mortos e 2,5 milhões de refugiados que tiveram de abandonar seus lares, a questão sudanesa começa a parecer ter fim com a aceitação do governo de entrada das forças da ONU. Mas as chamadas “forças híbridas”, ainda imobilizadas, pouco fizeram de substancial. E, como visto anteriormente, parece haver falta de maiores interesses mundiais na debelação do conflito.

A China, maior fornecedora de armas para o país, teme perder seus “laços estratégicos” advindos da importância do Sudão como cedente de petróleo para os chineses. A Rússia também lucra com o conflito no Sudão, vendendo, oficialmente ou não, armas para conflitos no continente africano, prática corrente desde o fim da União Soviética. E os Estados Unidos, com sua política de “quase-embargo” econômico, parecem complicar ainda mais, em vez de auxiliar na solução do conflito.

Apropriadamente, o secretário-geral da ONU, o sul-coreano Ban Ki-Moon, tem feito da solução pacífica em Darfur uma de suas principais agendas.

## **BIBLIOGRAFIA**

Cia Factbook. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/su.html>

(acessado em 05/11/2007).

HERZ, Mônica. O tratamento da segurança regional pela disciplina de relações internacionais. 2005. In: <http://www.unb.br/irel/ibsa/docs/MonicaHerz.pdf> (acessado em 05/11/2007).

PRUNIER, Gérard. Investigação sobre o massacre de Darfur. 2007. In: <http://diplo.uol.com.br/2007-03,a1530> (acessado em 05/11/2007).

## INTELLECTOR

Ano IV	Volume IV	Nº 8	Janeiro/Junho 2008	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

[www.revistaintellecto.cenegri.org.br](http://www.revistaintellecto.cenegri.org.br)

RAFAEL, Armando. Nações Unidas vão enviar força de paz para o Darfur. 2007. In:  
[http://dn.sapo.pt/2007/06/13/internacional/nacoes\\_unidas\\_enviar\\_forca\\_paz\\_para\\_.html](http://dn.sapo.pt/2007/06/13/internacional/nacoes_unidas_enviar_forca_paz_para_.html)  
(acessado em 05/11/2007).

WAAL, Alex de. Darfur – a crise explicada. 2007. In:  
<http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2007/02/22/ult2678u70.jhtm> (acessado em  
15/11/2007).

### Periódicos:

[www.bbc.co.uk](http://www.bbc.co.uk)

[www.folhadesaopaulo.com.br](http://www.folhadesaopaulo.com.br)

Revista National Geographic

Jornal Pangea Mundo

**CENEGRI**  
CENTRO DE ESTUDOS EM  
GEOPOLÍTICA & RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS